

# Repercussão do Uso do Crack Sobre o Feto e Sobre o Vínculo Mãe-Bebê

**Jorge Salis de Castro**

Membro Pleno do Centro de Estudos  
Psicanalíticos de Porto Alegre.

A invenção do crack não é um drama, é uma tragédia para a humanidade. Enquanto a natureza trabalhou mais de três bilhões de anos para dar condições ambientais de vida para o neurônio humano e o seu desenvolvimento, o crack em apenas 18 segundos possui um potencial capaz de destruir toda essa conquista.

Os seres inferiores dispõem de órgãos de sentidos muito sensíveis aos perigos externos que ativam seus mecanismos de defesa. Já os seres humanos nascem indefesos e altamente dependentes. Entretanto, foram esses seres indefesos que conquistaram os espaços e dominaram as outras espécies, graças a sua mente inteligente.

As bactérias gravam suas experiências no próprio DNA, passando-as às futuras gerações. Na preservação da espécie, seu instinto de vida, por exemplo, grava mensagens, criando novas cepas mais resistentes à ação antibacteriana. Quantos milhões de anos foram necessários para que cada espécie desenvolvesse seus recursos de sobrevivência vindos de sua experiência. As vivências dos humanos são registradas na sua mente. Entre esses dois extremos, existe um amplo espectro entre o conhecimento inato dos animais inferiores e o aprender com a experiência dos seres humanos.

Na evolução das espécies, há estreita correlação entre as transformações ambientais (temperaturas e atmosferas) e o aparecimento de seres mais diferenciados, capazes de sobreviver na superfície terrestre. Esse longo trabalho, iniciado com as algas, as primeiras formas vivas, com alto poder de fotossíntese, que retirava o gás carbono da atmosfera e o depositava, quando mortas, no fundo do mar, origem das grandes reservas de petróleo, energia do mundo moderno. Enquanto isso, o oxigênio liberado gera um processo contínuo de transformações



que davam condições atmosféricas de vida e desenvolvimento ao neurônio do córtex cerebral humano, a célula mais evoluída e sensível na escala biológica.

Imagina-se um neurônio muito próximo a esse já presente no *homo sapiens*, que viveu há 200 mil anos, último degrau antes da chegada do homem moderno, com uma história de apenas 50 mil anos. Comparada aos 15 bilhões de anos, idade do Universo, é de um tempo ínfimo a nossa permanência por aqui. Entretanto, a capacidade do cérebro humano enfrenta um limite em constante desafio. De uma mente capaz de raciocínio primitivo, de ensaiar formas rudimentares de comunicação, linguagem gutural, figuras rupestres gravadas nas cavernas há 10 mil anos, desenvolveram-se emoções cada vez elaboradas que passaram a dar sentido às coisas da vida sobre a Terra. São as primeiras tomadas de consciência do perigo, do espaço e do tempo, da vida e da morte.

Conceber a vida, o tempo, a consciência do início e do fim, lembrar o passado, viver o presente, antecipar o futuro e sua finitude são o resultado da passagem do pré-humano para o humano, episódio originário da humanidade, representado na mitologia religiosa no episódio em que Adão, 'obedecendo' à 'curiosidade' de Eva, prova o fruto da árvore do conhecimento. Seu grande castigo foi o acesso a um saber incompleto, condição da qual o homem não teria como escapar por sua posição alcançada na filogênese dos seres vivos, regida pelos princípios da complexidade e do indeterminismo da natureza nos processos das transformações, instalando-se, assim, a humanidade e com ela o conflito entre a natureza e a cultura.

Desde o conceito evolutivo, o homem é um marco, apontado já na literatura da antiguidade como um risco em potencial para a vida e sua própria sobrevivência, por suas crenças, curiosidade, engenhosidade criativa, por sua grande destrutividade. Deus surge, assim, do mistério inalcançável pelo homem do significado da vida e da morte, e da busca pela eternidade. Mas o pensamento humano sempre será humano, infinito, mas, paradoxalmente, limitado.

Após o período das gravuras rupestres, a história do homem tem pouco mais de cinco mil anos; o cristianismo, dois mil; o renascimento, quinhentos anos; o petróleo, duzentos; os antibióticos, setenta anos; os anticoncepcionais, cinquenta; a internet, vinte e cinco; o crack, vinte anos; e a atualidade, uma evolução surpreendente e assustadora.

O uso de Crack na gestação e a influência sobre o feto e o recém-nascido e o vínculo mãe e filho, necessariamente, nos apontarão para o grande diferencial entre o homem e os demais seres, a capacidade de pensar consciente e inconscientemente.

Procurando sintetizar de uma forma muito simplificada, para tornar familiar alguns termos e conceitos que serão usados a partir de agora, referimos a Teoria do Pensar de Wilfred Bion, em que descreve as seguintes etapas:

- Pré-concepção (uma expectativa de algo que a satisfaça) – seio (mãe)
- Realização (fato que realiza a expectativa) – mamada
- Concepção > Experiência emocional e corporal de satisfação > Aprender com a experiência > Registro mental consciente e inconsciente da vivência (Pensamento) > Pré-concepção (novas expectativas) > R > Concepção > Pré-C > R > Concepção >

A pré-concepção original é a resultante de dois fatores: primeiro, um fator inato exclusivo do ser humano que o impulsiona para o conhecimento através da vida. Dentre as espécies, somente ele está capacitado a conceber o significado de um fato. O segundo fator depende das experiências vividas e aprendidas. No feto, esse segundo fator dependerá das experiências intraútero, basicamente dos ritmos maternos captados pelos órgãos sensitivos do bebê durante seu estágio intrauterino.

Dessa forma, a cultura chega ao bebê, que não é imune a sua influência. Na fase intrauterina da realização, fazem parte combinações de conjuntos infinitos de possibilidades: o tato, o olfato, a audição e o movimento, que funcionam como operadores cuja intensidade e influência dos conjuntos específicos contribuem para a formação da moldeira pré-natal (pré-concepção), como sustentação para uma tela em branco, onde, após a cesura do nascimento, outros estímulos de alta intensidade sensorial: visual, oral, anal e fálico-edípico formarão as paisagens, (concepções), experiências emocionais, que serão aprendidas e registradas na mente do bebê como pensamentos, constituindo-se seu mundo interno, o inconsciente em expansão (CHUSTER, Arnaldo).

Portanto, os estímulos captados pelos sentidos fetais na vida intrauterina (hábitos de higiene, atividades físicas e sexuais, ruídos, frequências cardíaca materna e fetal, movimentos respiratórios e intestinais maternos) são fatores determinantes. A captação desses ritmos condicionará a formação da pré-concepção, requisito indispensável para se atingir a concepção, ponte para o pensamento consciente e inconsciente.

O encontro do bebê com o seio materno desencadeia todo esse processo para o qual ele, o bebê, deve estar preparado. A realização do “seio”, entendido como um conjunto de estímulos infinitos advindos do seu encontro com a mãe, gerará



uma concepção da mãe e do mundo, abrindo-se logo novas pré-concepções para novas realizações e novas concepções.

O conceito de pré-concepção edípica descreve uma das principais soluções da passagem do pré-humano para o humano, ou seja, a capacidade para buscar experiências emocionais, a habilidade para ir ao encontro do psíquico. O bebê busca em primeiro lugar a mente da mãe para que essa (mente) possa conduzi-lo ao seio. Alimenta simultaneamente o corpo e a mente; e a interface corpo/mente, ao longo da vida, será sempre a fronteira onde os diversos embates se travam para alcançar que as concepções funcionem adequadamente.

O objeto primário da pré-concepção seria em princípio o seio, mas por trás estão os pais sexualmente unidos e ainda a sociedade que garante essa união e, finalmente, uma mente criativa por trás da sociedade, buscando soluções para que esses vínculos continuem a preservar a vida da espécie.

Os bebês humanos nascem “inacabados”, com menor influência do inato, mas com a capacidade de aprender com a experiência e a grande potencialidade cerebral para se adaptar e se defender dos ataques externos aumentadas.

Falhas nesse processo de alimentação/digestão produzem dissociações que levam à cultura do vazio, do consumismo – a necessidade de consumir não sabendo o que nem porque, não interessando as consequências. A insatisfação, resultado de encontros cada vez mais insatisfatórios com a mãe, acarreta a impulsividade e a compulsividade que passam a imperar; os alertas e os apelos não são ouvidos, transformações ambientais são minimizadas, os vínculos cada vez mais virtuais, multidões sem rosto pertencentes a uma só tribo insatisfeita.

A formação da moldura (pré-concepção) dependerá, então, dos estímulos captados pelos sentidos do feto advindos dos ritmos maternos: batimentos cardíacos, ruídos intestinais, urinários, atividades do dia a dia, alterações do humor, emoções. A importância disso está na maior ou menor aptidão da função pré-concepção no futuro mental do bebê. Ausência de ritmos ou um turbilhão de estímulos podem impedir o desenvolvimento normal. A moldura ocupa o espaço da tela restringindo-a – no autismo ou é muito frágil ou ausente e não consegue sustentar uma tela plana para onde a paisagem (realidade transformada) seja transferida (mente), aprisionada nas imagens do seu mundo interno, as psicoses.

A gestante usuária de crack é vítima de uma decisão trágica, a busca de algo que preencha um vazio que ela não consegue entender. Possivelmente não encontra sentido para sua vida e procura um atalho para encontrá-lo. Esse vazio é o resultado de um passado de insatisfação e frustração, com grande predominância

destrutiva. São pessoas dominadas por impulsividade e compulsividade, incapazes de fornecer algum tipo de ensinamento que as leve a pensar e a criar novas saídas. As alternâncias emocionais provocadas pela droga que as retira do limbo e em poucos segundos as leva ao céu, para jogá-las no inferno da desesperança em minutos, rompem com todos os ritmos de uma gestação normal, indispensáveis para formar a pré-concepção. Aí a tragédia. Além dos danos somáticos decorrentes do uso agudo ou crônico do crack, atingindo praticamente todos os órgãos e sistemas da mãe, o crack dissolvido no líquido amniótico é absorvido pelo feto, um prejuízo adicional ao feto, cujas consequências só poderão ser avaliadas em estudos de longo prazo, talvez inexequíveis, pela extrema complexidade de fatores envolvidos.

O trauma do nascimento é acompanhado de uma sensação de perigo diante da possibilidade da morte. É o “terror sem nome”. Nos casos normais, a mãe o acolhe, o abraça, sussurra algumas palavras, lhe dá o seio, ele mama, é o contato com a vida, ele se acalma e dorme. Chama-se *rêverie* a função materna de fornecer sua mente para o bebê absorver seus primeiros pensamentos. Como se ela dissesse a ele: “Eu vou cuidar do meu bebê, não precisa ter medo que você não vai morrer”.

A puérpera usuária de crack é uma mãe ausente no pós-parto. Nos casos mais graves, e quase todos são, elas são incapazes de exercer as mínimas funções de maternagem ao filho. A procura pela droga, entretanto, nem sempre está assentada numa doença compulsiva, onde não exista a menor possibilidade de livre arbítrio. Em alguns casos, o uso é estimulado pelas companhias, por uma cultura distorcida, e uma tomada de consciência da gravidade e do risco é capaz de fazê-las abandonar a droga, desde que não haja lesões vasculares e cerebrais definitivas que seu uso costuma produzir. Por exemplo, uma usuária de crack durante toda a gestação, ao contato com o bebê, quando informada dos requisitos para amamentar, mudou totalmente a atitude e a aparência, mostrando-se sempre presente e muito disponível.

A proposta de um estudo aprofundado sobre a influência do uso crack no psiquismo materno e no bebê, na sua vida de relação com a sociedade, com a família, com ela mesma, com seu corpo e com sua alma, é um desafio para todos os que estão atentos com os caminhos do mundo atual.

Resumindo, a pré-concepção inata, condição necessária para chegar ao pensamento, aqui representada por uma moldura, se forma para dar sustentação a uma tela em branco (mente originária), resultado da captação sensorial pelo feto dos ritmos maternos no ambiente intrauterino. Essa tela em branco, apta para receber os registros das imagens mentais das experiências emocionais do recém-nascido, “paisagens pós-natais”, na gestante usuária de crack leva a um

cenário distorcido, por falta ou ineficiência da moldura (pré-concepção), tornando-se fonte de um mundo irreal e frustrante, ameaçador e perseguidor para o bebê.

A incapacidade de registrar uma experiência emocional de satisfação ou frustração advinda da mãe (aconchego, continência, amparo, alimento) bloqueia a relação corpo/mente/objeto, entre os sentidos, as emoções e os fatos. A desagregação sensorial entre contato, olfato, audição, olhar, sensações orais, anais, genitais, saciedade, embalo, calor, frio, presença e ausência gera o vazio. Nesses casos, a “função-alfa” materna (pensar pelo bebê as suas ansiedades e devolvê-las mentalmente digeridas) fica paralisada, destruída, um entrave definitivo para o futuro mental dessa pessoa.

Voltando ao início, não cabe neste espaço tratar das medidas a serem tomadas. Um estudo mais detalhado apontaria uma multiplicidade de fatores que resultaram no quadro social atual. Não se trata de um drama, tema de filmes ou de novelas, cujo final possa ser escolhido por uma enquete popular. Trata-se de uma tragédia em plena evolução, cujo destino nos escapa, um tornado ou um vulcão em atividade, arrastando vida, petrificando corpos e mentes, que exige medidas condizentes à gravidade e às consequências que se mostram cada vez mais prejudiciais aos usuários e alarmantes para suas famílias e para toda a sociedade.